



Fig. 1: Parque Geminiani Momesso. Foto: Victor Montuori

ARTIGO

PARQUE GEMINIANI MOMESSO: ARTE A CÉU ABERTO

JOSÉ ARMANDO PEREIRA DA SILVA
ABCA/SÃO PAULO

RESUMO: Descrição do projeto do Parque Geminiani Momesso, atualmente em implantação em Ibiporã, Paraná, e dos diversos equipamentos que serão oferecidos aos visitantes e futuros residentes desse espaço.

O case que vamos apresentar é ilustrativo do papel da iniciativa privada na manutenção da memória cultural, trazendo à consideração uma instituição de características peculiares, estabelecida distante dos centros culturais hegemônicos, em harmonia com um espaço natural privilegiado.

Essa iniciativa nos parece uma prática de resistência, uma reinvenção institucional com autonomia de ação, oferecendo um amplo repertório artístico, que pretende ser não apenas objeto de contemplação, mas estímulo à criação e ao debate.

PALAVRAS-CHAVE: Parque Geminiani Momesso; Ibiporã; memória cultural; Orandi Momesso.

ABSTRACT: Description of the Geminiani Momesso Park project, currently under implementation in Ibiporã, Paraná, and the various facilities that will be offered to visitors and future residents of this space.

The case we will present illustrates the role of private initiative in maintaining cultural memory, bringing to light an institution with peculiar characteristics, established far from hegemonic cultural centers, in harmony with a privileged natural space.

This initiative seems to us a practice of resistance, an institutional reinvention with autonomy of action, offering a broad artistic repertoire, which aims to be not only an object of contemplation, but also a stimulus to creation and debate.

KEYWORDS: Geminiani Momesso Park; Ibiporã; cultural memory; Orandi Momesso.

Estamos falando do Parque Geminiani Momesso (foto 1), um espaço de arte brasileira a céu aberto, localizado em Ibioporã, a 25 quilômetros de Londrina, Paraná, numa área de 1.600.000 m², onde já estão instaladas 92 esculturas de artistas brasileiros e que também acolherá 11 pavilhões de exposições, além da Casa Taipa (já concluída), uma recepção (em obras), um espaço ecumênico, que deseja celebrar o respeito entre todas as crenças, e o espaço Em Busca da Liberdade, que se abrirá para a criação e estudos. Dois Mirantes, do Lago e do Rio Tibagi, também se incluem no projeto global de arquitetura, assinado pelo escritório Reinach e Mendonça, em equilíbrio com o paisagismo, que está sob cuidados do escritório Rodolfo Geiser e Cristhiane Ribeiro.

Este é o resultado de um empreendimento projetado e criado pelo colecionador Orandi Momesso, ao qual serão incorporadas cerca de 5 mil obras de arte de sua coleção, cobrindo praticamente a história da arte brasileira.

Entre as 92 esculturas de artistas

brasileiros distribuídas no parque, encontram-se Brecheret, Vlavianos, Bruno Giorgi, Rubem Valentim, José Resende, Tozzi, Siron Franco, Raphael Galvez (foto 2), Rodrigo Pedrosa, Paulo Otávio, Marco Paulo Rolla, Iole de Freitas, Ângelo Venosa, Karin Lambrecht, Sacilotto, Emanuel Araújo, Gilberto Salvador, Sonia Ebling e outros - oferecendo uma experiência em ambiente sem muros, um encontro entre a engenhosidade artística e a grandiosidade do cenário natural que as abraça.

Já estão prontos os pavilhões em homenagem aos artistas Ângelo Venosa e Iole de Freitas, e a Casa Taipa (foto 3) para exposições e reuniões, uma verdadeira joia arquitetônica, que se destaca como referência em construção sustentável e inovadora. Demonstração engenhosa da técnica da taipa, que utilizou terra compactada do próprio parque como material, criando uma fusão entre a tradição construtiva e a uma nova expressão artística.

No pavilhão em homenagem a Ângelo Venosa (foto 4), estão expostas obras

que exemplificam sua capacidade de transformar materiais - seja bronze, pedra ou outros elementos - em arte de grande impacto visual e conceitual. A experiência com a obra de Ângelo Venosa se estende para além do pavilhão, com uma terceira obra sua instalada a céu aberto, criando a interação da escultura com a luz natural e a paisagem.

O Pavilhão Iole de Freitas (foto 5) é uma imersão na obra desta artista, que expandiu os horizontes da escultura pela interseção entre forma, espaço e movimento. Somos convidados a uma imersão sensorial no contato com a obra *Colapsada* - uma estrutura que parece desafiar as leis da física, como se estivesse em um estado de constante movimento.

Dos pavilhões em projeto, o pavilhão em homenagem a Raphael Galvez (foto 6) será o reconhecimento do seu legado e de sua paixão pela arte.

Fig. 2: Escultura de Raphael Galvez.

Fig. 3: Casa Taipa para exposições.

Fig. 4: Pavilhão em homenagem a Ângelo Venosa.

Fotos: Victor Montuori.







Fig. 5: Pavilhão Iole de Freitas. Foto: Victor Montuori.

Suas obras de espírito inovador vão encontrar merecido espaço. Esse pavilhão também será destinado a exposições temporárias, aberto para novos talentos e promovendo constante intercâmbio cultural.

O Pavilhão de Urnas Funerárias e Pias Batismais (foto 7) apresentará

exemplares desses objetos rituais, que mostram como diferentes culturas marcam as transições da vida, celebrando o nascimento e honrando a memória dos que partiram.

O Pavilhão dos Povos Originários (foto 8) oferecerá artefatos de várias regiões do Brasil. Cada obra, cada

vestimenta, cada objeto do cotidiano exposto conta uma história, tecendo a trama da vida e da espiritualidade desses povos.

O Pavilhão do Sagrado (foto 9) apresentará uma das mais importantes coleções de arte sacra e prataria brasileiras, longamente amalhada pelo colecionador. Proporcionará uma jornada através de símbolos da fé presentes no Brasil do século XVI ao século XX.

O Pavilhão do Mobiliário Brasileiro (foto 10) será uma crônica visual da trajetória histórica e cultural do design e da vida doméstica no Brasil. Um reflexo das transformações econômicas e estéticas que moldaram os cenários da sociabilidade.

Fig. 6: Homenagem para Raphael Galvez.

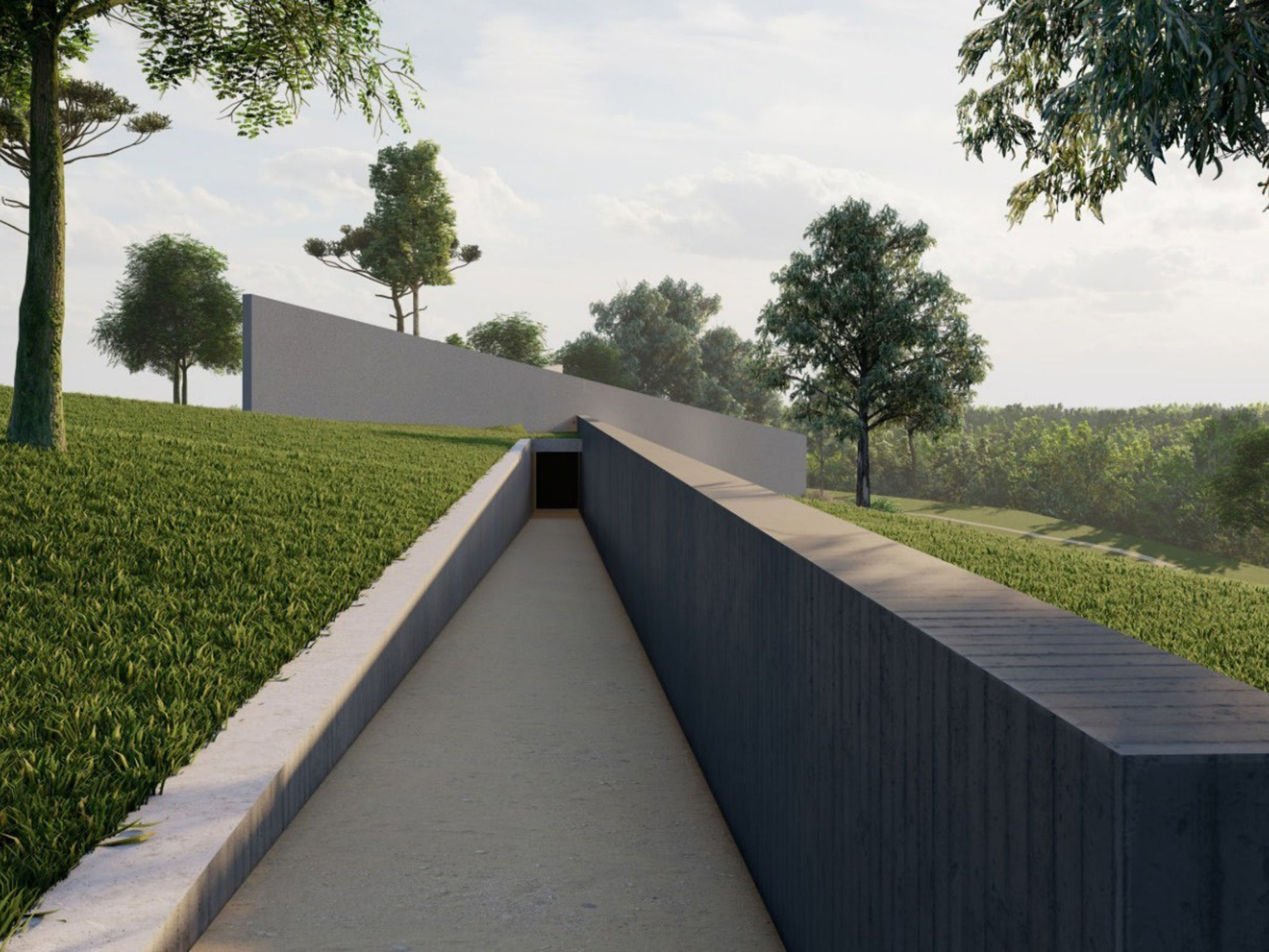
Fig. 7: Pavilhão de Urnas Funerárias e Pias Batismais.

Fig. 8: Pavilhão dos Povos Originários.

Fig. 9: Pavilhão do Sagrado.

Fig. 10: Pavilhão do Mobiliário Brasileiro. Fotos: Victor Montuori.









O Pavilhão “A Mão do Brasil” (foto 11) será a oportunidade de contato com a diversidade e a riqueza cultural das tradições, lembrando formas de arte que emergem das comunidades e das mãos do povo e refletem a identidade brasileira.

Mais dois pavilhões serão reservados a artistas que representam gerações diferentes: Paulo Pasta e Fúlvio Pennacchi. O Pavilhão Paulo Pasta será um convite à apreciação de um exemplar da arte contemporânea, enquanto a obra de Pennacchi conduzirá o visitante a um momento histórico, aos tempos do Grupo Santa Helena, e a outro tipo de repertório, o figurativo.

Finalmente, um pavilhão será destinado a apresentar rotativamente, com curadorias específicas, a enorme coleção de pintura de Orandi Momesso, que cobre do final do século XIX à atualidade.

Todo esse conjunto nasceu da iniciativa de Orandi Momesso, que suporta o projeto artístico, arquitetônico e

Fig. 11: Pavilhão “A Mão do Brasil”. Foto: Victor Montuori.

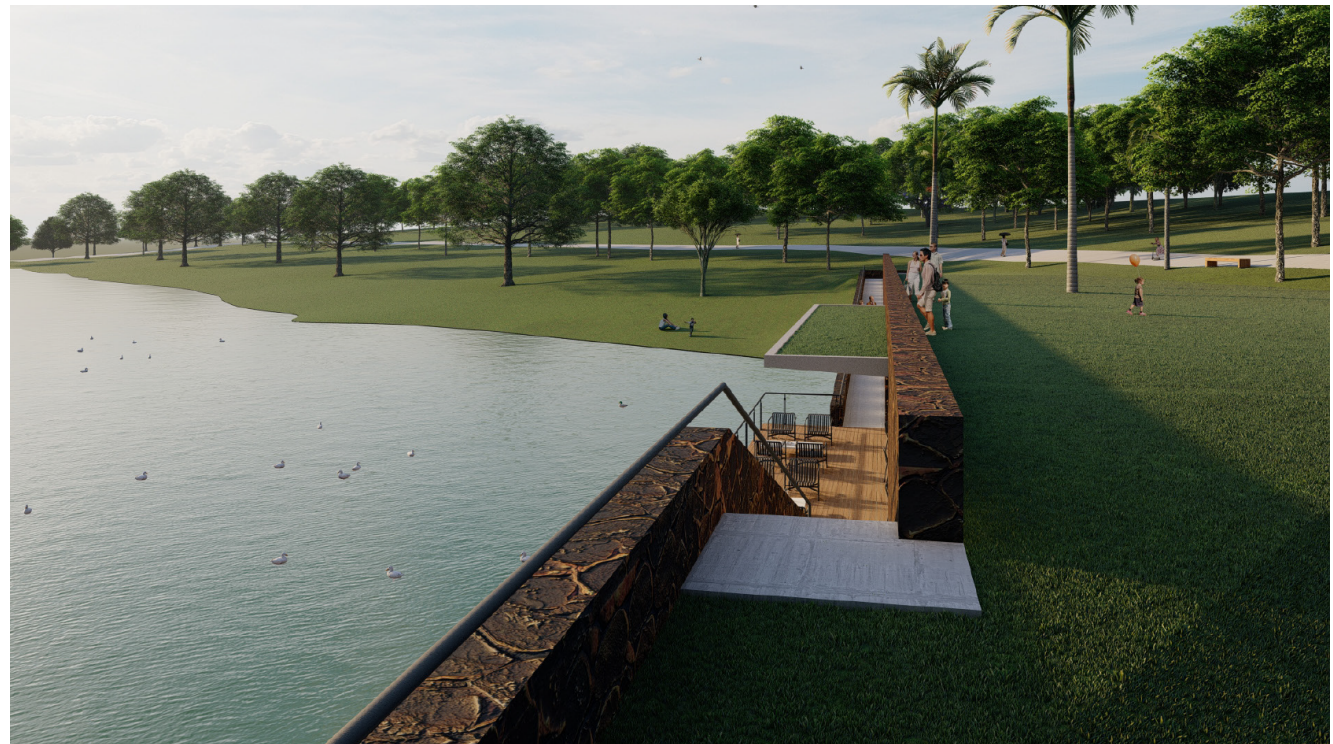


Fig. 12: Arte e natureza. Foto: Victor Montuori.

paisagístico. Para garantia de sua continuidade, foi criado o Instituto Luciano Momesso, que terá a responsabilidade de administrá-lo. É esperado que o parque, no futuro, venha a ganhar outros patrocínios que garantam sua continuidade.

Regenerar e preservar a flora, o solo e a água da região foram a premissa do projeto paisagístico. Com mais de cem mil plantios já realizados, a maioria

de árvores, a proposta abraçou a vegetação típica de Mata Atlântica, valorizando dezenas de espécies nativas e agregando exemplares de outros biomas brasileiros e de outros países.

A concepção proporciona um ambiente de relacionamento entre arte e natureza. São cinco mil metros lineares de caminhos para a circulação de carros elétricos que garantem

acessibilidade. Pelo trajeto, maciços arbóreos abrigam surpresas visuais e acolhem esculturas e pavilhões expositivos.

Pelo caminho, o visitante também passará por *decks* de madeira, pontes e mirantes (foto 12) que foram pensados para proporcionar a fruição entre a paisagem, as esculturas e os pavilhões. Além da hidrografia natural da região, o projeto do escritório Rodolfo Geiser contemplou 33,7 mil metros quadrados de espelhos d'água que compõem o conjunto paisagístico.

O parque conta com um comitê de diretores que trabalha no estabelecimento de estratégias de divulgação e atração de público e num programa educativo destinado à comunidade - estudantes e famílias de Ibiporã e dos municípios vizinhos. Existe a expectativa de que futuramente as agências de viagens venham a incluir o parque nos seus roteiros de visita à Foz do Iguaçu.

A publicação de livros e a formação de uma biblioteca, que terá um prédio próprio, complementam os projetos. O acervo inicial da biblioteca será formado com a doação das bibliotecas

do colecionador, do crítico Olívio Tavares de Araújo e do pesquisador Ricardo Orsi.

Embora já tenha sido aberto experimentalmente para apresentação à comunidade artística e ao público local, especialmente escolas, a inauguração do Parque Geminiani Momesso com todos os espaços em funcionamento está prevista para setembro de 2026.

JOSÉ ARMANDO PEREIRA DA SILVA

Mestre em Teatro pela Universidade do Rio de Janeiro e em História da Arte pela USP. Publicou: *Província e Vanguarda*, Thomas Perina - *pintura e poética*, João Suzuki - *travessia do sonho*, Paulo Chaves - *andamentos da cor*, *Artistas na Metrópole - Galeria Domus, 1947-1951*, Massao Ohno Editor e *Galeria de Arte São Luís*. Organizou: *Luís Martins, um cronista de arte em São Paulo*, José Geraldo Vieira - *crítica de arte na revista Habitat*, *Autobiografia de Raphael Galvez*, e *Heleny Guariba - destinos sequestrados*. Em 2017 foi curador da exposição “O Mercado de Arte em São Paulo, 1947-1951”, apresentada no Museu de Arte Moderna de São Paulo e no Espaço Cultural da CPFL, em Campinas.